

# MR. KLEIN UM HOMEM NA SOMBRA

um filme de Joseph Losey

com Alain Delon, Jeanne Moreau, Francine Bergé

Cópia Digital Restaurada | *Mr. Klein* | 1976 | França | 2h03 | M/12

**Festival de Cannes 1976 – Selecção Oficial em Competição**

**3 Prémios César – Melhor Filme, Melhor Realizador, Melhor Direcção de Arte**

«Losey não foi a primeira escolha para realizar o filme; o projecto estava destinado a Costa-Gavras [...] que o recusou. Ao invés, Losey [...] conseguiu ficar com o projecto. O resultado foi tanto uma obra histórica, incansável na sua representação concreta do medo e rancor políticos, como um retrato da metafísica da tirania – um clássico de paranóia *doppelgänger* que reúne o tema num único fio e o puxa para a modernidade. Havia muitos bons realizadores a trabalhar em Hollywood durante a Era McCarthy mas Losey era o grande realizador dessa era. No final dos anos quarenta e início dos anos cinquenta, os seus filmes incorporavam as crises da indústria e política do país, em tema, em humor e em estilo – foi depois forçado ao exílio, devido a uma perseguição anti-comunista.

[...]

*Mr. Klein* começa com um acto de perversidade polida, que toma uma forma ainda mais chocante sendo historicamente verídica: uma mulher é examinada por médicos que aplicam métodos pseudo-científicos (examinam-lhe as gengivas e o maxilar, medem-lhe as narinas com uma régua especialmente pensada para o efeito, observam o seu corpo despido e a sua marcha) para determinar, em relatório oficial, se a mulher é judaica. [...] Juntamente com a substância monstruosa da cena, Losey prolonga as suas consequências com uma atenção agonizante para a especificidade do tempo. A saída da mulher da sala de exames para uma área exterior, o reencontro com o marido, que foi submetido a um exame similar, a saída de ambos por um olhar distraído de dois polícias, a sua passagem por um corredor com longas janelas [...] prolongam o suspense aterrador do absurdo legalista para um vazio inconclusivo, determinando o tom do drama de Klein que se segue.»

Richard Brody, *The New Yorker*



Primeiro filme francês de Joseph Losey e uma das suas obras maiores, *Mr. Klein* é, segundo o realizador, “uma fábula em forma de aviso”. Klein (Alain Delon, num dos seus melhores papéis) é um negociante de arte oportunista, que se aproveita da Ocupação comprando ao desbarato peças preciosas aos judeus em fuga, até ao momento em que a sua própria identidade é posta em causa, quando é confrontado com a existência de um “outro” Robert Klein, um judeu procurado pela polícia. Neste filme, que é também uma análise do estado policial e uma viagem pelos labirintos da culpa individual e colectiva, que põs o dedo na ferida sobre o que se passou em França durante a Ocupação, *Mr. Klein* é um “Sr. Quase-Toda-a-Gente”, que não quer ver, que não quer compreender, aquele que tornou possíveis e as grandes atrocidades do século XX.



## A identidade perdida

Uma das temáticas mais recorrentes no cinema de Joseph Losey é a identidade. Um conceito que se desvanece através da conjuntura social ou pela relação com os restantes personagens que invariavelmente causa confusão e necessidade de encontrar uma equivalência adicional para permanecer integrado numa condição da qual já não faz parte. Sucede com o delinquente de *A Fera Adormecida*, transformado de acordo com uma realidade diferente; com o protagonista de *O Criado*, radicalmente anulado por uma força psicológica superior, ou com o jogo de identidades que estrutura *Cerimónia Secreta*. Em todos eles, a mutabilidade da personalidade mostra-se como uma forma de descontentamento perante o universo circundante e como um desejo implícito de aceder a outro estado, mesmo que isso implique a aniquilação do verdadeiro “eu”. Essa busca incessante, tratada por Losey de forma totalmente alegórica e pessoal, se olharmos para a sua condição de cineasta “amaldiçoado” e itinerante após os anos difíceis do macarthismo, atinge o seu exemplo mais evidente em *Mr. Klein* e, ao mesmo tempo, abstracto.

Na sua estrutura kafkiana, este filme descreve, por meio das dúvidas e da ambiguidade tenebrosa do seu protagonista quanto ao seu «outro eu», as bases do medo de uma nação invadida pelo mais atroz totalitarismo, aceitando-se estoicamente como mal necessário para continuar com o seu curso vital. Klein, com efeito, é um ser que banuiu de si mesmo a sua filiação à comunidade judaica como forma de garantir a sua sobrevivência. A descoberta de um indescritível personagem homónimo que vive escondido sem renunciar às suas origens, leva-o a uma viagem implacável: é o tão esperado encontro com este outro *Mr. Klein*. Ou seja, a procura por uma identidade perdida que só pode ser recuperada

enfrentando os próprios medos. Ou, vista de outra perspectiva, a situação interna da França dando carta branca dentro das suas próprias fronteiras a um monstro que acabou por destruir a sua própria idiossincrasia, que tenta recuperar olhando para trás e fazendo um doloroso acto de contrição.

A primeira sequência do filme já delinea esses aspectos a partir de um prisma gelado, quase documental, enfatizando a dor da situação, embora a mostre de uma distância notável que, paradoxalmente, aumenta a força interna da sequência. Uma mulher de meia-idade é examinada por um médico nazi, segundo os preceitos racistas estabelecidos a partir de 1935 pelos Ahnenerbe, como forma de comprovar ou descartar a sua ascendência judaica. Losey incide nos primeiros planos da mulher e na fisicalidade que o seu nu exala. Isto terá, quase imediatamente a seguir, o seu contraponto mais notório na sequência em que nos é apresentado Klein (o esplêndido Alain Delon). Mantendo o plano em Jeanine, a sua jovem amante, ouve-se nitidamente a voz do personagem que mantém uma conversa, mas não o vemos senão alguns minutos depois, entre os quais, como um claro reflexo dos níveis alegóricos do filme, soa um discurso radiofónico incentivando o patriotismo em França, completamente sepultado pelo instinto de sobrevivência. Klein é, portanto, um ser imaterial, um espectro desprovido de identidade própria, que tentará recuperar ao longo do filme, até que esteja condenado à mais completa autodestruição.

Nesse sentido, raramente os espelhos tão comuns no cineasta adquiriram tanta importância como nesta peça. Quando Klein se despede do vendedor, ele tem um vidro atrás dele no qual não é reflectido inicialmente, até que a saída do seu interlocutor (um judeu que acaba de lhe vender uma pequena tela) faz com que o comprador rectifique a sua posição e que, por momentos, fique parado a olhar para a sua imagem. Além disso, numa sequência posterior, enquanto Klein e Pierre jantam num restaurante, um paquete exclama o nome do personagem que Robert inicialmente ignora. Quando se dá conta e procura junto do paquete por quem o chama, a sua pessoa é novamente reflectida no espelho de uma forma que é, aliás, completamente inesperada, pois por breves instantes fica-se com a sensação de que Klein está a olhar para o seu homónimo.



*Mr. Klein* também incide sobre uma das teses comuns em Losey, embora (como no caso da identidade) esteja situado em níveis figurativos que o desvinculam completamente dos caminhos de identidade habituais: a absorção da personalidade. O que se coloca entre Klein e a sua cómoda existência não é um ser físico (como acontecia em *O Criado*, por exemplo) mas sim uma abstração. Um sentimento de culpa que está descrito na tapeçaria que serve de pano de fundo aos créditos e que Klein mais tarde usará para definir a sua ideia de remorso: "É como um abutre atingindo por uma flecha, mas que continua a voar». Ou seja, a representação do conceito que atormenta o personagem anteriormente e que fica mais que explicado quando, no seu encontro com Florence (Jeanne Moreau), ela o compara precisamente a um abutre. Os níveis simbólicos alcançam um maior grau de transcendência em *Mr. Klein* do que em qualquer outro filme após o período americano de Losey, perfeitamente ligados ao seu enredo lógico. Da mesma forma, as metáforas visuais ocupam subtilmente o centro de várias sequências, como a visita de Klein ao apartamento do seu homónimo, cujo lamentável estado projecta para o exterior não apenas a situação interna do seu próprio protagonista, mas a ruína moral que assola um país inteiro. Da mesma forma, o momento soberbo da performance teatral, que inclui um cartaz do controverso filme de Veit Harlan, *Jud Süß* (1940), acaba por conceder ao filme a sua auréola de luto e completar as arestas críticas sólidas que o filme exala para um marco geográfico e um período histórico concretos.

*Mr. Klein* é descoberto, ao longo do tempo, como um dos filmes mais importantes de toda a carreira de Joseph Losey. Superando as propostas irregulares das suas peças anteriores e alcançando um poderoso grau de simplicidade no planeamento da sua encenação, o filme acaba por se revelar como a última obra-prima do seu autor.

Joaquín Valette, in *Joseph Losey*, ed. Cátedra, 2010